

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Preço forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros
Semestre ou 12 numeros ...	1\$300	N.º avulso ou pago à entrega
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros
		1\$500

3.º ANNO — VOLUME III — N.º 72

15 DE DEZEMBRO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



ENCANTADORA PRIMA — Quadro de Columbano Bordallo Pinheiro (Desenho do mesmo autor)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GENVASIO LOBATO — Guilherme Cossoul — José Joaquim de Castro, novo ministro da guerra — FRANCISCO PINTO BESSA, MANGEL M. RODRIGUES — As nossas gravuras — Congressos anthropologico e litterario, trabalhos dos congressos, R. — Custodia do Convento dos Jeronymos' HEITO REBELLO — De Buenos Aires á Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Aos nossos leitores.

GRAVURAS. — Encantadora prima, quadro de Columbano Bordallo Pinheiro — José Joaquim de Castro' novo ministro da guerra — Guilherme Cossoul — Francisco Pinto Bessa, busto em marmore por Soares dos Reis — Hospital da sociedade portugueza de beneficencia em Campinas — A rua nova da Batalha no Porto, quadro de Henrique Pousão — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando ha coisa de tres annos e meio Caetano Alberto pensou em fundar este jornal, com a nobre e sagrada intenção de fazer uma *illustração* genuinamente portugueza, intenção que tem conscienciosamente e brilhantemente realisado, houve muita gente que procurou affastal-o d'essa idéa como de utopia ruinosa de artista phantasia, que vive nas nuvens a edificar castellos no ar.

— Uma *illustração* portugueza! disseram sorrindo. Hade ser bom! Tem que dar n'um dia os Jeronymos no outro a Batalha... Dois numeros... e disse... Conhece bem a sua terra, o pobre Alberto!...

E effectivamente Alberto conhecia bem a sua terra. O OCCIDENTE completa hoje tres annos d'existencia e ainda não pode dar nem a Batalha nem os Jeronymos porque não tem tido campo para isso: os assumptos d'ocasião tomam-lhe todo o espaço, tem de ficar de quinzeza para quinzeza, e em vez de acabar por falta de materia ao fim de dois numeros, ao cabo do terceiro anno tem que alargar a sua publicação, para acompanhar dia a dia, a vida portugueza nas multiplices phases da sua actividade moderna.

Este successo, realmente inesperado, que Caetano Alberto advinhou, veio mostrar o que ha de ridiculo n'essa triste moda, que a ociosidade indigena inventou para não fazer nada, de dizer mal do paiz, fazer espirito á sua custa, arregimentar phrases causticas e de pouca invenção a seu respeito, veio demonstrar brilhantemente que Portugal vaee tendo uma vida sua, forças artisticas proprias, e que entrou por fim no grande movimento scientifico, litterario, artistico e industrial da Europa trabalhadora, agitada e laboriosa.

— E senão vejamos. Aqui bem perto nas salas da Associação dos jornalistas, está agora uma exposição que tem tido concorrência espantosa. Entretanto essa exposição não é de feras, nem de figuras de cera, nem de photographias equivoacas, as unicas exposições que até ha pouco faziam sensação na cidade. É simplesmente uma exposição de quadros, não de quadros de mestres gloriosos e celebres, mas de dois discipulos que entram agora na arte e que entraram antes de hontem na vida.

E a exposição tem levado toda a gente á Associação dos Jornalistas, todos querem ver os trabalhos d'esses dois rapazes, um que tem um nome illustre, Columbano Bordallo Pinheiro, e que trata de o fazer valer corajosamente, outro um nome obscuro, ainda hontem desconhecido e que hoje começa a apparecer com modestia; mas com galhardia, Antonio Monteiro Ramalho; todos começam a impartar-se com o futuro das nossas artes, todos principiam a olhar attentamente para essas alvoradas em que ha os promettimentos de dias luminosos.

Effectivamente n'essa exposição dos dois moços pintores ha coisas muito apreciaveis, ha mesmo mais que promessas ha já algumas realidades encantadoras. Nas paisagens do

sr. Ramalho, pintor de ha dois annos apenas, discipulo do sr. Silva Porto, ha cor, ha luz, ha revelação sympathica d'um talento observador, d'um espirito que comprehende a natureza e que sabe reproduzi-la. Os seus quadros de animaes são bem feitos: uma cabeça de burro é um perfeito retrato, só lhe falta fallar, mas não seremos nós quem lhe censure a falta, porque o facto biblico tem-se reproduzido tanto depois de Balaão, que é digno de todas as nossas sympathias o burro que tem a delicadeza de estar calado.

Columbano Bordallo tem na exposição uns quadrosinhos muito graciosos, buscando o seu assumpto na vida moderna. A *Recitação*, o *Convite á Valsa*, a *Encantadora prima*, são deliciosas scenas da vida de hoje, apanhadas do natural com espirito, com talento, com uma graça estranha, o sorriso malicioso d'um humorismo delicadissimo.

Pois Lisboa não só se permite a moda de ir ver esses quadros, não só principia a entender, que as obras d'arte são o mais brilhante luxo d'uma cidade, como tambem vaee principiando a comprehender que são igualmente o mais brilhante luxo d'uma casa, e os quadros começam a desaparecer da galeria da exposição para as paredes das salas particulares. E' verdade: já se vendem quadros em Lisboa, já ha quem compre paisagens e grupos sem ser em photographias pequenas ou em oleographias baratas.

El-rei o sr. D. Fernando, os srs. Eduardo Coelho, Dr. Luiz Jardim, e Visconde da Praia, compraram quadros aos srs. Columbano e Ramalho; registremos os seus nomes nos livros do bom gosto e nos do bom exemplo.

— O sr. Antonio Ramalho esse pintor novo cujo nome começa agora a apparecer nos jornaes, não tem só muito talento, tem tambem uma historia. Ora se o ter talento não é muito vulgar, ter uma historia é muito mais raro ainda. As lendas dos artistas passaram de moda, e faziam parte da escola romantica e foram-se com ella.

Pois o sr. Antonio Ramalho está n'este ponto fóra da moda, tem a sua lenda, que não deixa de ser interessante.

Nasceu em Barqueiros, no alto Douro, o novo paisagista. Seus paes eram pobres e obscuros como todos os paes dos antigos artistas legendarios. Quando Antonio começou a ser rapazola, era preciso collocal-o, arranjar-lhe um ganha pão, um modo de vida, e os paes mandaram-n'o para o Porto, para a loja d'um parente abastado que tinha uma mercearia muito acreditada. Eis pois Antonio Ramalho marçano de mercearia. O pobre rapaz não se entendia com aquillo, vivia mal, triste, aborrecido entre as enormes rumas de bacalhau frescal e de presuntos de Lamego, cercado de grão de bico, de feijão encarnado, dentro d'aquelles enormes armazens frios, humidos, sombrios mal cheirosos, onde o sol nunca entra e o caixaero poucas vezes sae.

As noites, iam por alli os freguezes do sitio, uns ginjas á Tolentino, fazer a digestão da ceia e as horas da cama. Sentavam-se, conversavam, entovavam em unisono a grande ladainha da banalidade tagarella. Antonio Ramalho ouvia-os encostado ao seu balcão lustroso do azeite de purgueira e dos cotovellos dos clientes, e enquanto elles discutiam a alta politica e as vidas alheias, elle fazia-lhes o retrato a lapis, no grosso papel pardo dos embrulhos. Os freguezes gostavam dos bonecos feitos pelo garoto do rapaz, riam muito: mas quem não ria era o patrão, que não queria pinta monos das portas para dentro.

Os ralhos do patrão, o fastidio d'aquella vida acanhada, os desejos de respirar a plenos pulmões o bom ar sadio da liberdade deram-lhe um dia azas para fugir. As azas porém aguentaram curto vôo: fugiu para a sua terra. Foi logo apanhado pelos paes, e mettido outra vez na estreita gaiola da mercearia do Porto. O mau humor do patrão redobrou com a primeira fuga, os ralhos repetiam-se mais a miúdo e o pobre artista definhava-se alli dentro, reduzido a sorte de invejar as quartas de man-

teiga e os salamins de castanha que tinham a felicidade de sair as portas d'aquelle inferno.

A primeira fuga saíra-lhe mal: esperou. Fez as suas poucas economias e um bello dia — que bello dia realmente para elle e para a arte! — pela manhãzinha cedo, enquanto os moços abriam a mercearia, elle foi abrir uma das portas, para não a tornar a fechar. Mettera debaixo do braço a sua trouxa e enquanto os moços andavam entretidos com os taipaes, esgueirou-se muito surrateiro pela rua fóra. Quando na mercearia deram pela sua falta e o procuraram, já elle vinha no comboio para Lisboa. O dinheiro porém não lhe chegava senão para vir até Ovar ou Aveiro. E d'ahi para diante? O seu sonho, o seu ideal, era Lisboa! Mas como pagar o comboio que o levasse ao ideal? D'um modo muito simples, e de que se abusa muito em Lisboa, sem ideal, pedir dinheiro a um e a outro. E foi pedindo pelos wagons, e vintem a vintem arranjou as passagens até á estação dos seus sonhos, até Santa Apolonia.

Achou-se em Lisboa. Para onde ir? Antonio Ramalho que não fazia nenhuma idéa do que é a policia de Lisboa foi entregar-se ao governo civil, contar a sua historia e pedir que lhe dessem um modo de vida. No governo civil ficaram todos espantados, estupefactos. O *Diario de Noticias* soube do facto e contou-o. A viuva do padrinho do sr. Ramalho, um homem que occupou um alto cargo em Lisboa, e que teve um momento de lugubre celebridade — a celebridade que dá a morte em duello — leu a noticia e mandou buscar o seu affilhado ao governo civil. Ramalho repetiu-lhe, com mais proveito, toda a sua historia e todas as suas aspirações. A madrinha teve dó do rapaz, arranjou-lhe pensões para elle poder viver em Lisboa, e seguir a vida que era o seu sonho constante, a vida d'artista. Antonio Ramalho lançou-se resolutamente á obra, passou toda a sua vida no seu quarto e na Academia, sem ninguem o ver, sem ninguem o conhecer. Ha dois annos principiou a estudar pintura, e não se distrahiu um momento, entregou-se todo, totalmente ás suas obras, trabalhou, trabalhou com uma tenacidade d'allucinado, e as suas obras foram primeiro conhecidas em Lisboa que elle.

Não é uma verdadeira lenda? E agora o heroe? Não lh'o posso descrever porque me acontece exactamente o mesmo que a Lisboa, conheço as suas obras mas não conheço o auctor. Entretanto feliz do artista de quem se vêem muito mais os quadros do que elle: é uma doce compensação dos muitos artistas, que ha por ahí, que todos vêem mas de quem nunca ninguem viu as obras!

— O espaço escaceia-me. Não o lamento muito porque pouco mais ha a dizer da quinzeza: cahiu o *D. Carlos*, mas a culpa não foi d'elle, metteram-lhe o pé adiante a empreza com a *mise-en-scene* e algum dos artistas com a execução; a Sr.^a Borghi Mamo teve um grande triumpho na *Lucrecia Borgia*, o que não admira porque tem um esplendido talento. Taborda, o grande Taborda teve um brilhante successo no *Medico á Força*, o que é vulgar com o seu excepcional genio artistico; a *Mantilha de renda* fez furor em D. Maria como não podia deixar de fazer, sendo como é, uma das mais ricas perolas do theatro portuguez moderno, o sr. João Chrysostomo d'Abreu e Sousa deixou de ser ministro da guerra, o que não causa espanto depois da promoção dos generaes, e o partido do sr. conde de Valbom passou a melhor vida, o que é naturalissimo, dada a maneira de fazer politica que ha em Portugal.

GENVASIO LOBATO.

GUILHERME COSSOUL

I

O enterro de Guilherme Cossoul representa uma das maiores provas de sympathia que a cidade de Lisboa tem dado n'estes ultimos annos.

Um immenso concurso de amigos e conhecidos do distincto artista o acompanhou a pé até ao cemitério, longe, no extremo da cidade, e todavia sempre por entre duas alas ininterruptas de povo que ainda no largo dos Prazeres, e por entre os tumulos, aos lados das alamedas estreitas, se apinhava para ver o cortejo.

Em meio da irremediavel desgraça que ha muitos annos já o tinha matado, teve Guilherme Cossoul a rara felicidade de merecer a sympathia geral e de realmente a possuir.

É profundamente melancolico pensar n'este homem, cuja existencia incompleta, indefinida, despedaçada antes de ter podido verdadeiramente realisar os trabalhos para que era armado e forte, n'este homem, para quem a morte teve um tão longo e doloroso preludio, e que só pôde caracterisar-se fallando da sua alegria communicativa, abundante, extraordinaria, e, — pôde dizer-se, — heroica.

Essa alegria que os accidentes nem sempre impossivelmente prosperos da vida não poderam por um momento sequer impallidecer, teve por fim annos de luta victoriosa com a dôr, com a deformação, com a morte, que ainda nas ultimas lagrimas não podia de todo abafar-lhe os restos animados d'um sorriso, que a vontade interior ainda formulava, mas para que os musculos da face já estavam immobilizados.

A exuberancia do bom humor, das *partidas* de Guilherme Cossoul ficará para sempre proverbial em Lisboa.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Magdalena Podestá enviou-lhe o seu album, onde já haviam escripto Bulhão Pato e outros d'entre os mais celebres poetas e escriptores portuguezes, mas cuja primeira pagina fora reservada para Cossoul.

Quinze dias antes da sua morte, escrevendo n'essa pagina, Guilherme Cossoul suppunha delicadamente que o haviam encarregado do modesto logar de porteiro e dizia:

«A dona da casa recommendou-me que deixasse entrar todas as pessoas verdadeiramente amigas da Familia Podestá... o que é uma ordem para deixar entrar toda a gente.»

«Como não posso assistir ao encerramento do album, pelos meus padecimentos que se aggravam cada vez mais, pedi á menina que me substituísse por alguém que seja gótico como eu, e, se for possível rubijento, — qualidades essenciaes n'um porteiro...»

«Entre Bulhão Pato entre, que a Sr.^a D. Magdalena já lá está em cima... Quando entrou vinha cantando uma barcarola que em tempos estudou comigo...»

*Mon oeil recur sur la barque lointaine
Qui vient à moi faible jouet des flots...*

Quando apoz annos de soffrimento indiscriptivel algum amigo o procurava dizia-lhe sempre rindo:

— Estou bom. Completamente bom. Estou aqui descansando por que não tinha nada que fazer. Não me querem para nada. São intrigas que espalham que estou doente.

E ria, e ria sempre, e ao mesmo tempo, sem poder andar, sem poder mover os dedos, tendo ao lado o seu violoncello, a sua harpa, o seu piano mudos, mas por isso mesmo implacaveis, com dores permanentes, soffria rindo, um soffrimento horroroso.

Como não podia tocar e como, já por fim, lhe custava falar, fazia fabulas em francez com a mesma *veia* inextinguivel do seu tempo de saude.

Mas, nos dois ultimos dias, sem voz já, quando os amigos o iam beijar na eterna despedida de todas as alegrias e de todas as dores, as lagrimas corriam-lhe silenciosas pelo rosto.

Guilherme Cossoul tinha uma distincção pessoal que se sentia nas suas relações pessoais e na influencia que elle havia adquirido sobre toda a sua classe em Lisboa: distincção de maneiras, feita de affabilidade amavel e de finura, e distincção de aspecto, de toilette, correctas, elegante e seria.

Estivera no Conservatorio de Paris, estudára ali com Adolpho Adam, viajara, conhecera as grandes obras, os grandes mestres e trouxera para Portugal e para a disciplina das orquestras que dirigiu, alguma coisa das melhores tradições da boa execução.

Com as lições de Santos Pinto, com a sua familia, — familia de artistas, — e com as suas viagens formou Guilherme Cossoul uma boa educação musical que os acaes e necessidades da vida e do temperamento o não deixaram completamente aproveitar como compositor ou como executante. Muitas das suas obras podem hoje pa-

recer antigas. Mas n'outras ha trechos d'uma grande distincção, revelando um delicado instinto de *savoir faire*. Como violoncellista chegou a ter uma execução notavel.

II

Nasceu a 22 de abril de 1828, em Lisboa.

Teve como professor de principios de musica, Santos de composição e contra ponto, Santos Pinto; de violoncello seu pae; de harpa, sua mãe.

Em 1852 partiu para Paris onde estudou durante um anno.

Por diploma de 1849, assignado por D. Maria II, foi nomeado musico da Real Camara para tocar timbales.

Em 1861 entrou no Conservatorio de Lisboa como professor de violoncello, sendo, durante alguns annos, director interino d'esta escola.

De 1864 a 1873 foi empresario do real theatro de S. Carlos, e era já maestro director do mesmo theatro desde 1860, havendo succedido a Esqira e Santos Pinto.

Foi Guilherme Cossoul quem organizou a sociedade dos bombeiros voluntarios de Lisboa, a primeira do paiz, da qual foi por unanimidade eleito chefe.

Era vice-presidente da associação musica de 24 de junho, tinha a medalha da associação humanitaria de Italia; era cavalleiro de Nossa Senhora da Conceição desde 1859 e official da ordem de S. Thiago de merito litterario e artistico. Foi por duas vezes a Londres onde deu concertos de violoncellos durante um inverno principalmente, tocando no Palacio de Cristal.

As suas composições podem quasi todas collocar-se entre 1850 e 1860.

D'alli por diante só excepcionalmente escrevia.

Kis a lista mais completa que foi possivel colligir das composições de Guilherme Cossoul:

1.^{er} — *Overture burlesque pour grande orchestre.*

2.^{eme} — *Overture burlesque, 1848.*

Abertura para grande orchestra dedicada a Barbosa Lima.

Abertura para grande orchestra dedicada a João Alberto 1.^o contraheixo do real theatro de S. Carlos.

Grande abertura para orchestra dedicada a Mr. Antoine de Konstky, 1849.

Abertura para orchestra dedicada a seu pae.

Entre actos para o theatro do Gymnasio.

A *Cisterna do Diabo*, opera comica n'um acto representada em 1849 no theatro do Gymnasio.

O *Arriero*, opera comica representada no theatro de Farrobo em 1851.

O *Visionario do Riba-Tejo*, opera comica (perdida).

Le *Prisonier*, cantata, aria para baritono, dedicada a El-rei D. Fernando.

Missa a 4 vozes, executada nas festas de Santa Cecilia na igreja dos Martyres, 1855.

Grande missa solenne, a 4 vozes e orchestra executada por occasião da coroação de D. Pedro V, na igreja de S. Domingos em 1858.

Te-Deum em ré a 4 vozes e orchestra, executado por occasião da coroação de D. Luiz na igreja de S. Domingos.

Te-Deum em dó a 4 vozes e orchestra.

Libera me, duetto de tenor e baritono com acompanhamento de quartetto.

Adeus Lisbon, romanza para canto com poesia do sr. Mendes Leal composta para Carolina Sanazaro, 1853.

La Barque, romanza para canto, escripta para sua irmã D. Sophia Cossoul.

Coro para celebrar o anniversario dos concertos populares.

Reverie para piano.

Fantasia e variações para o instrumento de madeira e palha, com acompanhamento de piano, 1853.

Fantasia em si be mol para harpa, dedicada a sua mãe, 1847.

Fantasia sobre motivos da opera *Domino noir* para harpa.

Grande *fantasia* para harpa sobre motivos da opera *Macbeth*, dedicada a sua mãe e executada pela primeira vez por sua irmã D. Sophia Cossoul.

Fantasia para violoncello sobre motivos da opera *Atila*.

Capricho e variações para violoncello sobre a *Siciliana*.

Fantasia para violoncello sobre motivos do *Saltarello*.

Fantasia para violoncello sobre motivos da opera *Roberto do Diabo*, dedicada a D. Pedro V.

Souvenir de Londres, reverie para violoncello, 1863, em Londres.

Tercetto para piano, violino e violoncello, dedicado a seu pae, 1848.

Fantasia para piano sobre o duetto de soprano e baritono do *Macbeth*.

Duetto carnavalesco para contra-baixo e octavino sobre motivos da opera *Norma*.

Fantasia para piano sobre o duetto do 1.^o acto do *Macbeth*, dedicada á sr.^a duquesa de Palmella, 1858. As suas ultimas composições foram:

Marcha a Camões para grande orchestra, escripta para um concerto cujo producto reverteu em favor do monumento a Camões, executada no dia da sua inauguração na praça.

Tantum ergo, solo de tenor com acompanhamento de harpa e quartetto, offerecido ao sr. Antonio Campos Valdez, e cantado por Mongini em 1868 na igreja de S. Julião.

Final da opera de Donizetti a *Filha do Regimento*, escripta para M.^{lle} Laura Harris, 1870.

Os sinos, ao sinico de Santa Cruz de Braga, 1873.

JOSÉ JOAQUIM DE CASTRO

NOVO MINISTRO DA GUERRA

Em substituição ao sr. João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, foi nomeado ministro dos negocios da guerra por decreto de 29 de novembro do corrente anno o sr. conselheiro José Joaquim de Castro, par do reino, coronel de engenheiros e lente da escola do exercito.

O sr. Castro, de que o Occidente dá hoje o retrato é um homem intelligente e d'uma probidade reconhecidissima.

Tem hoje 55 annos. Fentou praça em 1842, foi promovido a alferes em 1844, a tenente em 1848, a capitão em 1851, a major em 1868, a tenente coronel em 1873 e a coronel em 1876.

O sr. José Joaquim de Castro é lente proprietario da 2.^a cadeira da escola do exercito, e chefe da 1.^a secção da direcção geral dos trabalhos geodesicos. Foi ajudante e lente do collegio militar, trabalhou muito na commissão da reforma dos estabelecimentos de instrucção dependentes do ministerio da guerra, mostrando em todos estes trabalhos muita intelligencia, muita actividade, e séria e funda illustração. O seu character delicadissimo, cheio de affabilidade é dotado de grande energia, o seu coração é excellent, em extremo caridoso, e a sua grande riqueza permite-lhe satisfazer todos os bons impulsos do seu coração. O novo ministro da guerra foi elevado ao parato no anno findo, e tem as seguintes condecorações: commendas de Christo e de Aviz, medalhas da prata de bons serviços e de comportamento exemplar, e o grão de cavalleiro da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia.

É um homem de bem, um homem intelligente e trabalhador, está filiado no partido progressista desde que este se fundou mas até agora nunca tinha tomado parte activa e saliente nas luctas politicas e parlamentares.

FRANCISCO PINTO BESSA

A cidade do Porto prestou ha pouco a um dos seus concidadãos mais respeitados, um tributo indelevel do seu reconhecimento, erguendo-lhe na sala das sessões do palacio municipal, o busto em marmore, de que hoje é publicada a gravura n'esta folha.

Referimo-nos a Francisco Pinto Bessa, a individualidade mais caracteristica da burguezia prestante, a personificação veneranda da actividade benemerita e do civismo desinteressado.

Nascido em Lordello do Ouro, suburbios do Porto, em 16 de fevereiro de 1821 e filho de paes modestos em bens de fortuna, Pinto Bessa, influenciado pela justa ambição de encontrar, ainda que longe da patria, uma compensação condignamente remuneradora do seu trabalho constante, foi procurar nas terras brasileiras os recursos que lhe permitissem mais tarde o desaffogo de uma vida abastada e conseguio-o.

Afastado da terra a que um dia devia prestar beneficios relevantes, tivera elle occasião de mostrar que não lhe fenecera nunca no coração os brics de bom portuguez, e como testamunho dos seus sentimentos de nacionalidade, quando aportára ao Rio de Janeiro desarvorada por uma viagem procelosa a nau *Vasco da Gama*, foi um dos que, com outros portuguezes benemeritos, concorreu para a reconstrução dispendiosa d'aquelle vaso de guerra.

Esta liberalidade patriótica foi-lhe agradecida com o habito da Torre Espada com que o rei D. Pedro V o agraciou.

De regresso a Portugal, Francisco Pinto Bessa, longe de se entregar ao gozo da sua fortuna invejável, descansando nas delicias de um ocio egoista as fadigas de uma labotação cuidadosa, começou a dar azas á sua actividade benéfica, pondo ao serviço do progresso da sua terra, toda a dedicação e boa vontade de que era capaz um espirito cheio de intenções elevadas.

Com o dr. Braga e o visconde de Villar Allen, começou por metter hombros á onçada empresa de erigir no Porto um monumento que attestasse aos vindouros a iniciativa poderosa de uma cidade essencialmente trabalhadora, conseguindo com aquelles dois prestantes cidadãos a construção do Palacio de Crystal Portuense. Para sanar algumas difficuldades que pareciam quererem antepor-se á realisação d'aquelle pensamento arrojado, foi elle quem ainda com o mesmo visconde d'Allen e com o engenheiro Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa se dirigiu a Londres em 1866, a fim de pôr cobro a attritos apresentados pelo empreiteiro, sendo os seus esforços e os dos seus collegas coronados do melhor exito.

Eleito pela primeira vez vereador da camara do Porto em 1866, foi desde logo nomeado vice-presidente, e no anno seguinte, por morte do conde de Lagoaça assumiu a presidência, cargo que desempenhou até ao dia em que falleceu.

No cumprimento d'essas arduas funções foi que Francisco Pinto Bessa patenteou todo o seu grande civismo e prodigiosa actividade, desenvolvendo de um modo notavel a viação da cidade, augmentando os rendimentos municipaes e melhorando varios serviços. A elle se deve, entre outras obras de vulto, a abertura das ruas da Nova Alfandega, de Mousinho da Silveira e de Sá da Bandeira, a construção da Botunda da Boavista e os embelleamentos do cemiterio de Agramonte, uma das estancias funebres mais formosas, senão a mais formosa do Paiz, onde ha pouco foi construido o mausoléu que deve encerrar as suas ossadas.

Foi elle tambem que conseguiu que a Bibliotheca Publica se emancipasse da tutela do Estado, ficando dependente da administração municipal.

Em 1876 e a convite do lord mayor de Londres, o finado presidente da camara do Porto, assistiu como representante d'esta cidade, ao grande banquete dado na capital de Inglaterra em honra dos municipios europeus, sendo ali alvo das mais distinctas considerações.

Eleito deputado em 1868 pelo Baixo Occidental, continuou nas legislaturas subsequentes a obter os suffragios dos seus concidadãos para aquelle elevado logar, que exerceu tambem até ao anno da sua morte.

Francisco Pinto Bessa, além do habito da Torre Espada, possuía a Commenda da Conceição, de que nunca fez uso e o grau de official da Ordem da Rosa do Brazil. Espirito essencialmente democratico, recusára titulos e a dignidade de par do reino, que por mais de uma vez lhe haviam sido offeridos.

Como presidente do senado portuense, Pinto Bessa deu provas inequivocas de um grande tino e de largos conhecimentos administrativos, o que lhe permittiu por vezes arcar, em debates acalorados, com argumentações vigorosas que



JOSÉ JOAQUIM DE CASTRO — Novy ministro de guerra
(Segundo uma photographia de Cunha)



GUILHERME COISSOUL — Fallecido em 26 de Novembro de 1880
(Segundo uma photographia de Moira & Haigh)

nunca conseguiram subjugar a potencia da sua dialectica energica, mas desaffecteda.

Como deputado, se a eloquencia da sua phrase desatavada de arrebiques de estylo não arrobatava os que o ouviam, a sua influencia e a consideração respeitosa que lhe tributavam os mais elevados poderes do estado permittiram-lhe, em compensação, o conseguimento de assignalados beneficios para a cidade que representou.

Não era homem de palavras. Era homem de acção.

No meio dos impetos de um genio arrebatado, Pinto Bessa tinha no coração a essencia de uma bondade extrema. A amizade era para elle um dogma e a honestidade um culto. Por muitas vezes, ao noticiar nas sessões municipaes, a morte de um empregado antigo e zeloso ou de um collega estimado, as lagrimas, borbulhavam-lhe nos olhos, por entre as phrases espontaneas de um pesar sincero.

Francisco Pinto Bessa morreu na madrugada de 4 de maio de 1878, contando 57 annos de idade.

O seu enterro foi uma das manifestações funebres mais significativas que aqui se tem feito, pelo numero consideravel de cidadãos de todas as classes, categorias e opiniões politicas, que o acompanhou á derradeira morada.

Dias depois a 9 de maio, resolvia-se em uma assembleia popular, erguer-lhe um busto na sala das sessões dos Paços do Concelho, pensamento que foi levado a effeito por uma commissão de amigos e admiradores das virtudes do finado, tendo-se effectuado, no dia 14 de novembro ultimo, a inauguração solemne d'esse preito tributado a um dos homens a quem o Porto deve beneficios inolvidaveis.

O municipio portuense, perpetuára tambem a memoria do seu fallecido presidente, dando o seu nome a uma nova rua que se está abrindo entre a estação do caminho de ferro em Campanhã e o Bomfim.

O busto, de que se publica a copia, é executado em marmore de Carrara e representa mais um trabalho notavel do estatuario Soares dos Reis.

Porto 10 de dezembro de 1880.

MANUEL M. RODRIGUES.

AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO
DA SOCIEDADE PROMOTORA
DE BELLAS-ARTES

ENCANTADORA PRIMA

Quadro de C. Bordallo Pinheiro

É um gracioso quadrosinho, em que o artista apanha em flagrante uma scena trivialissima da vida moderna. A prima ficou herdadeira rica, e o primo faz timidamente a sua caça aos contos de réis da prima, que lhe parece agora encantadora. Este quadro figurou na exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes, e está agora na exposição que os sr. Columbano Bordallo e Ramalho fizeram na sala da Associação dos Jornalistas. O auctor do quadro é o sr. Columbano Bordallo Pinheiro, de qua os leitores do OCCIDENTE conhecem já muitas produções apreciaveis.

A aptidão provada pelo sr. Columbano Bordallo grangeou-lhe agora uma pensão particular para ir refa-

BELLAS ARTES

zer nos grandes centros artisticos a sua educação, e amadurecer o seu bom talento. O artista se não possui ainda grandes recursos de côr, se lhe falta a sciencia inteira de detalhes, se a sua technica carece da firmeza d'um artista feito, o seu talento, o seu estro são garantia segura de que submettendo-se a uma sólida educação artistica nos venha do estrangeiro um pintor de genero verdadeiramente notavel.

HOSPITAL
DA SOCIEDADE PORTUGUEZA
DE BENEFICENCIA
EM CAMPINAS

Uma das acções mais dignas de louvor, das iniciativas merecedoras do maior applauso é sem duvida aquella que tem por fim minorar a sorte dos nossos desgraçados e pobres irmãos, muito mais quando elles estão fóra da patria, separados dos seus por continentes de leguas, sem muitas vezes terem a esperanza de voltar aos logares que lhes eram tão caros.

A gravura que hoje damos representa um hospital fundado na cidade de Campinas, provincia de S. Paulo, para n'elle serem cuidadosamente tratados os nossos compatriotas, hospital cuja edificação é devida a esforços de portuguezes e de alguns brasileiros.

Damos em seguida uma rapida noticia d'este estabelecimento de caridade, louvando todos aquelles que se reuniram para a realisação d'uma idéa tão nobre, folgando de ver que as sociedades de beneficencia para portuguezes se propagam no Imperio, e que as colonias portuguezas fundam bibliothecas, abrem escolas, procuram em fim todos os meios de illustração



FRANCISCO PINTO BESSA

Busto em marmere por Soares dos Reis, inaugurado na sala da Camara Municipal do Porto em 14 de Novembro de 1880
(Croquis do mesmo auctor)

para os nossos pobres e desprotegidos compatriotas:

Em 20 de julho de 1873 a convite do Agente Consular de Portugal o sr. Francisco Gonçalves Ferreira Novo, reuniram-se no salão do theatro de S. Carlos em Campinas, grande numero de cidadãos portuguezes, expondo o sr. Ferreira Novo a necessidade de estabelecer uma sociedade com o fim de socorrer os compatrioticos necessitados; e sendo bem acolhida a idéa deliberou-se ficar instalada a Sociedade Portugueza de Beneficencia de Campinas. Em 6 de janeiro de 1877, tendo já a Sociedade comprado um terreno inauguraram-se os trabalhos de construção de um edificio para servir de hospital, que ficou concluido em 26 de dezembro do mesmo anno.

Não sendo possivel utilisal-o logo para o fim que foi creado por se ter esgotado o pequeno capital que a Sociedade possuia e ter ainda ficado onerada com uma divida na importancia de 12:417\$000 réis, e tendo que fazer ainda algumas obras complementares que só poderam ser feitas no anno de 1878, só se amortizou n'esse mesmo anno parte da divida.

No anno de 1879 amortizou-se a maior parte da divida, actualmente a Sociedade só deve cerca de dois contos por titulos sem premio, e possuidos na sua quasi totalidade por socios, esperando a actual direcção saldar de todo a divida, n'este anno.

Em 29 de junho de 1879 inaugurou-se o hospital que se acha funcionando regularmente até ao presente.

Tendo sido eleito na primeira direcção em 1873 o sr. Francisco Gonçalves Ferreira Novo, foi reeleito annualmente até 1878. Tez-



BRAZIL. — HOSPITAL DA SOCIEDADE PORTUGUEZA DE BENEFICENCIA EM CAMPINAS (Segundo uma photographia)

do-se porém retirado para Portugal n'este anno passou o cargo ao vice-presidente o sr. José Pereira d'Andrade que o exerceu até 31 de janeiro de 1879, sendo n'esta ultima data eleito o sr. João Francisco Ferreira Jorge para o exercicio de 1879, e reeleito para o de 1880.

CONCURSO DE PINTURA DE PAIZAGEM NA ACADEMIA DE BELLAS-ARTES NO PORTO

A RUA NOVA DA BATALHA NO PORTO

Quadro de Henrique Pousão

Este quadro foi um dos pontos do concurso que deu ao seu auctor, o sr. Henrique Pousão o logar de pensionista no estrangeira, pela Academia de Bellas-Artes do Porto.

O quadro foi feito em tres dias conforme marcava o programma do concurso e representa uma nova rua em construcção no Porto.

Este concurso em que eram candidatos os srs. Pousão e Ramalho, deu logar a grandes debates. Os dois candidatos deram ambos provas d'uma aptidão mais que vulgar e havia perfeitamente o que os francezes chamam *l'embarras du choix*. O nomeado foi o sr. Henrique Pousão, um artista de muito talento que tem já no OCCIDENTE dado provas do seu merito.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Havia o congresso de anthropologia e archeologia prehistorica estabelecido n'uma das suas primeiras sessões que se celebraria uma cada anno, e de cada vez em differente cidade; na sessão de Bruxellas porem (agosto de 1872) deliberou que sómente se fizessem do mesmo modo de dois em dois annos.

Segundo esta disposição celebraram-se as sessões de 1874 e 1876, não havendo sessão em 1878, como deveria haver, talvez devido isso a exposição universal de Pariz d'esse anno, e a ter-se effectuado durante ella e n'essa cidade uma grande reunião do Congresso internacional das sciencias anthropologicas, cujos trabalhos tem relação intima com os d'aquelle.

Algum tempo antes havia o sr. Gabriel de Mortillet perguntado se a proxima sessão do congresso que devia reunir-se em 1880, poderia fazer-se em Lisboa, como era importante a sciencia. Consultados a esse respeito os nossos geologos e outros academicos importantes responderam não estar nada disposto para isso, e ser impossivel dispor-se os trabalhos convenientemente pela falta de tempo e poucos meios que o thesouro applica a estes assumptos. Concordeos n'isto respondeu-se negativamente ao illustre sabio francez.

Abriu-se porém depois a exposição, reuniu-se aquelle congresso, e o Sr. Carlos Ribeiro foi a França assistir a elle. Alli renovaram-se as instancias, o nosso geologo communicou-as para Portugal, mas chegadas as coisas a este ponto, indecoroso fôra ao paiz recusar o convite. Foi accedido.

O tempo era menos, as difficuldades dobraram. Nomeou-se a commissão de organização que foi composta dos Srs. João d'Andrade Corvo, presidente; A. C. Teixeira d'Aragão, thesoureiro; Carlos Ribeiro, secretario geral; Dr. Antonio Augusto d'Aguiar, Antonio Ennes, Dr. A. Maria Barbosa, Dr. Augusto Filipe Simões, Conde de Ficalho, Eduardo Augusto Allen, Dr. Francisco A. Pereira da Costa, Francisco Manuel Pereira da Silva, Dr. F. Martins Sarmiento, Dr. Frederico A. de Vasconcellos, Ignacio de Vilhena Barbosa, Joaquim F. Nery Delgado, J. Possidonio N. da Silva, J. M. Latino Coelho, J. Maria da Silva Leal, J. da Silva Mendes Leal, José Silvestre Ribeiro, Dr. J. V. Barbosa du Bocage, Dr. M. M. da Costa Leite e Dr. Thomaz de Carvalho, membros do Conselho.

Não obstante o grande numero de membros d'esta commissão é escusado dizer que todo o peso do trabalho recahiu principalmente sobre os srs. C. Ribeiro, Delgado, T. d'Aragão e Corvo, auxiliados por alguns membros do Conselho.

O preparo e arranjo das galerias geologica e prehistorica coube na maxima parte ao sr. Delgado, o sr. Carlos Ribeiro fez preparar os terrenos que deviam ser submettidos a inspecção dos sabios estrangeiros, e de

al maneira estavam dispostos que o illustre sr. Mortillet, já depois de restituído á França, tem sempre confessado por escripto que os trabalhos dos nossos geologos seriam norma e regra a todos nas futuras pesquisas e inspecções.

Folgamos de registrar o testemunho do sabio organisador do museu de S. Germain, e um dos fundadores do congresso, como correctivo a boatos que ouvimos com relação a esta especie. Para confusão. O que os sabios estrangeiros acharam menos na sua primeira excursão foram sillex, porque apenas colligiram poucos e de procedencia duvidosa, mas na segunda excursão, foi-lhes admiração e surpresa a disposição dos trabalhos no cabeco de Mugem.

Depois de organizada a commissão de installação passou esta a formular as questões, que em conformidade com o art. VII do Regulamento Geral do Congresso, devem ser propostas, para serem especialmente discutidas por elle.

Formuladas que foram, immediatamente se deu d'ellas conhecimento a todos os individuos, que se haviam inscripto como querendo adherir ao congresso, pelo que passamos a transcrevel-as.

I. Ha provas da existencia do homem em Portugal durante a epocha terciaria?

II. Como se caracteriza a idade paleolithica em Portugal durante a epocha quaternaria?

III. Como se caracteriza a idade neolithica em Portugal?

1.º Nos kjoekkenmøddings (restos de cozinha primitiva) do valle do Tejo;

2.º Nas cavernas, quer naturaes, quer artificiaes contendo restos humanos e productos de arte;

3.º Nos monumentos megalithicos e em outras estações.

IV. Quaes são as noções adquiridas com relação aos caracteres anatomicos dos habitantes de Portugal nos tempos prehistoricos?

V. Quaes são os factos que nos podem fazer conhecer a transição da idade da pedra polida para a do cobre ou dos metaes em Portugal.

VI. Quaes são os factos confirmados com relação á civilização dos povos que habitaram Portugal anteriormente ao dominio romano?

Para o melhor e mais consciencioso exame d'estas questões, da mais alta importancia anthropologica e prehistorica, eram convidados os membros do congresso a visitar diversas grutas, campos e sitios de differentes localidades das proximidades da capital como Cintra, e assim as camadas terciarias entre Alemquer, Otta e Azambuja. Pela sua distancia de Lisboa, propunha-se uma visita ás estações prehistoricas das duas Citancias de Briteiros e Sabroso para depois do encerramento do Congresso.

Pela mesma occasião se podia aos membros d'esto a indicação previa do assumpto das communicações e leituras que houvessem de fazer ao mesmo.

Este plano de trabalhos perfeitamente combinado e directamente traçado, mostrava que o paiz se queria desempenhar nobremente do honroso convite que lhe fôra feito, e correspondia dignamente á escolha que a Europa culta fizera da nossa capital para logar da reunião da 9.ª sessão do congresso d'anthropologia e de archeologia prehistorica.

(Continúa.)

R.

A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

III

GIL VICENTE, OURIVES, GIL VICENTE, POETA

(Concluzão)

Em outubro de 1534 achámos um pagamento feito ao mesmo ourives, por tres alampadas grandes para a charola e uma para o altar da senhora, e pelo tempo adiante até 1539, em que o livro finda, é este ourives quem fabrica hyssopes, calices, galhetas, etc., e não havendo documento que nos mostre ha-

ver sido retirado aquelle privilegio ao ourives *Gil Vicente*, leva-nos isto a acreditar que elle fallecera antes de 1533.

Ha porém ainda mais. Em outro livro do convento de Thomar, achámos registada a seguinte carta, curiosa a muitos respeitoes:

Dom João etc. A quantos esta carta virem faço saber que pela obrigação que tenho ao convento de Thomar da ordem de Nosso Senhor Jesus Christo de que sou governador e perpetuo administrador he rezão que sempre folgue de fazer meree e favor ás suas cousas así como seja justo e honesto. E querendo-lha nisto fazer tenho por bem e me praz que o capateiro, tosador, e alfaiate do dito convento, e o hortelão da sua horta e os moeiros de seus moinhos e asenhas assi de dentro da dita villa de Thomar, como do termo, e os seus caseiros assim da commenda do sonogado como quaesquer outros que estiverem em seus casares encabeçados, e um ourives que estiver na dita villa que tenha carregado de fazer as cousas de prata que se mandarem fazer pera o dito convento e de alimpar e correrger as que agora ha, e assim um pescador que o dito convento tiver em Peniche, ou na ribeira d'atougia e outro em luarcos, e outro no tejo que pescarem pera o dito convento, e sejam todos e cada um delles escusos e privilegiados de não pagarem em nenhuma peitas, fintas, talhas, serviços, pedidos que per o concelho ou moradores da villa e termo forem lançados, etc. etc. dada em Lx.ª a 3 dias de março. Jorge Roiz a fez anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1530.

Arch. nac. da Torre do T. Livros da Ordem de Christo n.º 13 ff. 21 v.

Este documento do convento de Thomar que privilegia um ourives, não alludindo de modo algum ao privilegio concedido anteriormente, em 1509, ao ourives *Gil Vicente*, prova-nos que elle já era fallecido anteriormente a março de 1530.

Por conseguinte a hypothese que apresentámos no 2.º § d'este trabalho, de que este ourives fallecera pouco tempo depois de 1517, toma maior força e é confirmada por estes documentos, que então ainda não tinhamos encontrado. Em vista d'elles podemos quasi affirmar que o famoso ourives *Gil Vicente* falleceu entre 6 de agosto de 1517, data da renuncia do cargo de mestre da balança, e 3 de março de 1530, data da carta que acabamos de publicar, e que portanto não podia ser o poeta que ainda vivia em 1536.

Sem entrar em considerações de outra ordem, com relação ao poeta e ao ourives, que tinhamos muitas ainda a fazer, que de proposito pozemos de parte porque nos levariam longe, e alongariam o trabalho que temos desejo de terminar já para não fatigar os leitores; julgamos ter demonstrado.

1.º Que os individuos que com o nome de *Gil Vicente* exerceram os cargos de Mestre da carpinteria de Santarem, Porteiro dos contos dos almoxarifados de Beja e do mestrado de Aviz, e Requeredor das cizas geraes de Santarem foram diversas pessoas e differentes do poeta *Gil Vicente* e ourives do mesmo nome.

2.º Que nas obras do poeta *Gil Vicente* se não achia allusão alguma sufficiente a estabelecer que elle fosse ourives, por isso que as muito rapidas e ligeiras que elle faz a artefactos d'aquella arte, estão ao alcance dos menos conhecedores d'ella.

3.º Que nada prova que houvesse consideração especial e extraordinaria para com o ourives *Gil Vicente*, por isso que as encomendas feitas a elle, e as graças e mereços que recebeu, foram igualmente feitas ou concedidas a outros ourives, e todos tinham perante a sociedade unicamente a qualificação de officiaes mecha-nicos.

4.º Que o cargo de mestre da Balança, com quanto importante, nada tinha de extraordinario, quando de mais a mais *Gil Vicente* o exerceu conjuntamente com *João Homem*, e tanto elle como o seu successor *Diogo Rodrigues*, foram nomeados até que *Miguel*, filho do antigo mestre Fernando Gil tivesse idade para o servir.

5.º Que nenhuma allusão especial fez o poeta *Gil Vicente* nos seus autos a ourives, ou empregados da casa da moeda, pois quando

falla de *García Moniz*, falla em muitos outros personagens da corte, quando falla no escrivão da camara real *André Pires* tambem falla nos outros, e o nome de *Dingo Fernandes* é o de um commendador e não de um ourives.

6.º Que não sendo o *Gil Vicente* porteiro dos contos de Beja e mestrado de Aviz, o poeta, tambem *Afonso Alvares* o não era, pois é claro ser aquelle moço de estribeira de D. João II (príncipe então) e o segundo o *assador e cozinheiro* d'este.

7.º Que ao passo que o nome de *Gil Vicente*, poeta, foi sempre nomeado e conhecido desde a época da sua actividade artistica até hoje, o de *Gil Vicente, ourives*, esquecido completamente durante seculos, como o de todos os seus collegas, só ha pouco tempo foi desenterrado do pó do olvido e collocado no seu verdadeiro logar na arte portugueza.

8.º Que das obras do ourives *Gil Vicente* apenas se conhece hoje a sua *custodia*, que com a *coroa do rei de Cochim* e *crúz* para o papa feitos pelo ourives *João Caldeirão*, eram talvez os primeiros e mais importantes monumentos dos nossos descobrimentos e conquistas asiaticas.

9.º Que ao passo que temos noticias do poeta *Gil Vicente* até 1336, as do ourives do mesmo nome apenas alcançam até 6 de agosto de 1317, sendo muito de presumir que o ourives fallecesse entre este anno e o de 1330.

10.º Finalmente que as hypotheses do sr. Theophilo Braga tendentes a identificar as individualidades artisticas de um poeta e ourives com o nome *Gil Vicente* na mesma pessoa não têm fundamento solido, nem o minimo vislumbre de plausibilidade.

Ao terminar não posso deixar de dizer que me vi obrigado a tratar este assumpto, pela coincidência do apparecimento do meu fraco estudioso, ao mesmo tempo que o largo e elevado trabalho do meu particular amigo e patrio dr. Theophilo Braga, e que disenti e combati a sua opinião, que em tempos tambem me sorria, antes do estudo dos documentos que ambos apresentámos, pela consideração que a mim e a todos merecem os seus grandes trabalhos, irremediavelmente sujeitos á imperfectibilidade, como obra humana que são.

BRITO REBELLO.

DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CORDOBA

(Conclusão)

Não foi sómente Behety *querer* certificar-se da existencia do *guadal*; o padre, o engenheiro e duas mulas de carga tambem *acharam* razoavel não passar adiante sem experimentar a inelavel sensação que a *voragem* pampeana reserva áquelles que se deixam cair em seu leito fofo e macio.

Felizmente o *sorvedouro* não era dos maiores, e, com pequenissimo esforço achou-se a caravana apta para proseguir viagem.

O terreno apresenta poucos accidentes; *cañidas* y *cañidones*, que se vão encadeando, *montecitos* de pequenos arbustos, queimados aqui, crescendo ou rebentando além; *salitres*, que enganam a distancia, com a sua superficie prateada como a da agua.

Chegámos á Alegre.

A Alegre é uma lagoa de agua doce, permanente, cujo nome lhe quadra muito bem, porque está situada n'um accidente do terreno de certa elevação, rodeada de *médanos* e arbustos, que ministram excellente lenha e pasto abundante.

Eis-nos novamente em movimento. Rumo sul.

O caminho, ou para melhor dizer, a *rastrillada*, cruza um campo coberto de arbustos espinhosos, *chañaritos*. A lua desce, o céu tolde-se, a noite escurece; de modo que, não se

podendo ver facilmente os objectos, os cavallos não vão tranquillos.

As tres e meia da manhã chegámos ao Monte de la Vieja, onde resolvemos descansar alguns momentos. Amanhecia muito tarde.

Desensillar y á la leña! foi o grito de ordem.

O fogão brilhou com uma rapidez maravilhosa.

Um dos talentos do gaucho consiste na promptidão com que acha lenha, e na assombrosa facilidade com que faz fogo. Acha lenha onde ninguém a vê, e faz fogo na agua.

Tomou-se mate, comeu-se um *asado*, dormiu-se, e quando... ia a dizer gorgeavam as avesinhas do monte... (não vi lá semelhante coisa); quando a luz crepuscular annunciou o dia, deixamos o Monte de la Vieja, e dirigimo-nos a outra paragem aonde devia haver lenha e agua sobre tudo.

Rumo sul com alguns grãos de inclinação para oeste.

Caminhavamos.

— Isto são alfarrobeiras? perguntei eu a Cobo.

— No, alpatacos.

— Que grande povoação!

— Adonde?

— Alem d'aquelle immenso rio ou lago.

— Allá no hai poblacion ni rio, compañero;

es un efecto de la *brillazon*, que vosotros llamais *miragem*.

— É bello! E isto aqui o que é?

— El Zorro Colgado.

— Porque lhe dão esse nome?

— Eso, compañero, es echarse á nadar, buscando un objeto perdido. Probablemente el primer cristiano que llegó aqui halló un zorro colgado por los indios en algun árbol.

Serian dez horas quando chegámos ao Zorro Colgado. O espaço percorrido não pôde ser mais solitario. Parámos, para deixar beber os animaes.

— Meus amigos, exclamei eu; estamos ainda muito longe de Leubucó? que, se me não engano, é o termo da nossa viagem.

Muchíssimo! No lo avistaremos antes de domingo.

— Pois, meus senhores, acabo de receber uma ordem terminante da Empresa do OCCIDENTE, que não gosta, e com razão, que os seus assignantes se queixem da menor falta, para hoje mesmo entrar nos dominios do famoso cacique ranquelino.

— Imposible, compañero!

— Não admitto impossiveis. Eu marchó immediatamente.

— Pero eso es una barbaridad!

— Adeus, meus amigos.

— No hay remedio; acompañemos este loco.

— Adiante; não percamos tempo.

— Mira, gringo: el *Pollo-helo*, que quiere decir, en lengua ranquelina, Laguna del Pollo.

— Dá-lhe lembranças minhas.

— Ché! mas despacio, que este campo es muy *guadaloso* y pesado.

— Se teem medo, não me acompanhem.

— Aquelle grupo de árboles es *Us-helo*, donde hay una aguada semejante á la anterior y una lagunita de agua salobre, pero potable.

— E alem?

— *Coli-Mula*, que quiere decir mula colorada. Es una linda lagunita circular, de agua excelente y abundante. Mira que trayecto tan variado; grandes bajios salitrosos; grupos considerables de arbustos crecidos...

— El cielo comienza á fruncir el ceño.

— Deixal-o! Ainda que chova a cantaros, não páro.

— Compañero, el viento y la lluvia no cesan y nosotros ya no podemos.

— Adeus, meus amigos!

— Eres un barbaro!

— O que é aquillo lá ao longe?

— Los primeros montes de Tierra Adentro.

— E esses *médanos* que atravessámos agora?

— Balico.

— Tremencó, compañero; ya estamos cerca de la laguna del Cuero que tiene unos cien metros de diametro y en cuyas orillas ha vi-

vido mucho tiempo el famoso indio Blanco, azote de las fronteras de Cordoba y San Luis; terror de los caminantes, de los arrieros y troperos.

— Mira como los campos cambian de fisionomia; la vista ya no se cansa tanto espaciándose por la sabana inmensa del desierto solitario y triste, imponente; pero monótona como el mar en calma. Ricos pastos abundantes y variados; gramilla, porotillo, trébol, cuanto se quiera; agua inagotable, lenha, montes inmensos... Un estanciero entendido y laborioso aquí haria fortuna en pocos años.

— Onde estamos?

— En Laquinhan.

— Adiante.

— Los que han hecho la pintura de la Pampa, suponiendola en toda su inmensidad una vasta llanura, en que errores descriptivos han incurrido!

— O que vases tu para ahí mastigando, selvagem?

— Lo que me dá la gana. Poetas y hombres de ciencia, todos se han equivocado. El paisaje ideal de la Pampa, que yo llamaria, para ser exacto, Pampas, en plural, y el paisaje real, son dos perspectivas completamente distintas. Los europeos viven en la mas completa ignorancia de la fisionomia de nuestra patria. Y preguntaré tambien á mis compatriotas, que han cantado al ombu y al cardo de la Pampa: que ombues, que cardales hay en la Pampa? Son acaso oriundos de America, de estas zonas? Quien que haya vivido algun tiempo en el campo, hablando mejor, quien que haya recorrido los campos con espíritu observador, no ha notado que el ombu indica siempre una casa habitada, ó una poblacion que fué; que el cardo no se halla sino en ciertos lugares, como que fué sembrado por los jesuitas, habiéndose-se propagado despues?

— Que montes são estes?

— Los montes del Cuero.

— São inmensos.

— Yo lo creo. Se estienden por muchisimas leguas de Norte á Sur y de Naciente á Poniente; llegan al rio Challeo, lo cruzan, y con ciertas interrupciones van á dar hasta el pié de la Cordillera de los Andes. Á la orilla de ellos vivia el indio Blanco, que no es ni cacique, ni capitanejo, sino lo que los indios llaman un *indio gaucho*. Es decir, un indio sin ley, ni sujecion á nadie, á ningun cacique mayor, ni menor, á ningun capitanejo; que campea por sus respetos; que es aliado unas veces de los otros, otras enemigo; que unas veces anda á monte, que otras se *arrima* á la *tolderia* de un cacique; que unas anda por los campos *maloqueando*, invadiendo, meses enteros seguido; otras por Chile comerciando, como ha sucedido ultimamente.

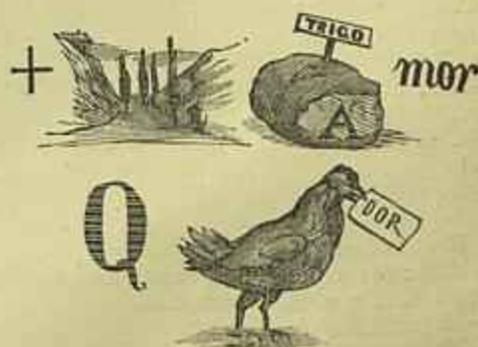
— Homem, deixa essa historia para outra occasião.

— Mas despacio, compañero, que podemos perder la verdadera *rastrillada* y ser descubiertos por los indios.

— Tanto melhor! Já estou farto de deserto.

— Calla gringo, que hay en estes sitios un

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Amor com amor se paga.

tal Peñalosa, que suele ser el primero á presentarse a los indios ó cristianos que pasan por estas tierras, alegando ser suyos y tener derecho á exigir se le pague el piso y el agua.

— E então ?

— No hay mas remedio que pagar.

— Bem; dar-lhe-hei um saque sobre a Empreza do OCCIDENTE.

— Y mas adelante hay otros señores dueños de la tierra, del agua, de los árboles, de los vichos del campo, de todo en fin lo que puede ser pretexto para vivir á costillas del prójimo.

— Irei distribuindo saques; o que eu não quero é demorar-me. Mas como cobram elles esses direitos interterritoriaes ?

— De la forma mas politica y cumplida, suplicando casi y demostrando á los contribuyentes ecuestres la pobreza en que se vive por aquí, lo escaso que anda el trabajo.

— Então o demonio não é tão feio como o pintam.

— Si los espeditos pacíficos surten efecto no hay novedad; pero, compañero, si los transeuntes no se enternecen se recurre á las amenazas, y si estas son inútiles á la violencia.

— Saques para a frente, não haverá outro remedio. A Empreza é que não ha de gostar muito da gracinha. Onde estamos ?

— Em Chamalcó.

— Eis-nos outra vez com o descampado a contás.

— Ya entramos en el monte.

— E isto aqui o que é ?

— Uta triquin. Es un monte muy espeso; sumamente incómodo para el caballo e para el ginete.

— Ché, gringo, descansemos un poquito en este hermoso descampado.

— Nem um instante.

— Eres un malvado !

— O que é aquillo ?

— Una tolderia.

— Mira: de aquel toldo salen tres chinas enancadas... y vienen para acá.

— Já passamos *La Verde* ?

— No.

— Adiante.

— *La Verde*, compañero !

— Bem, já estamos perto.

— Mira: los indios ranqueles.

— Deixa-os vir.

— Avanzan resueltamente.

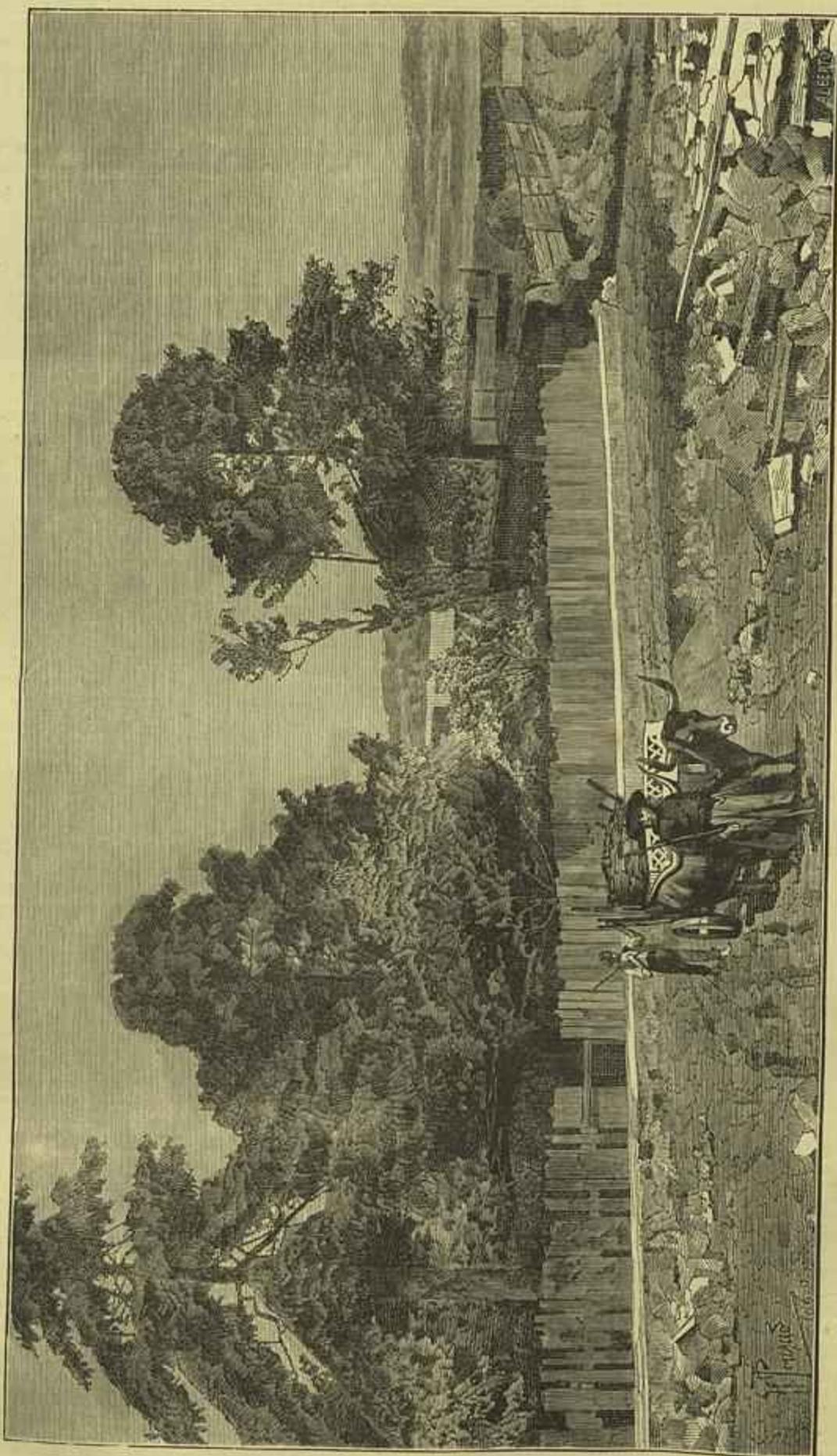
— Vienen á toparnos !

— Melhor.

— Mas indios !

— Como se chama este lugar ?

— Aillancó.



BELIAS-ARTES

A RUA NOVA DA BATALHA NO PORTO — Quadro de Henrique Pousão, premiado no concurso de paragem da Academia de Belias-Artes do Porto (Desenho do mesmo autor)

AOS NOSSOS LEITORES

Concluindo o terceiro anno da sua publicação o OCCIDENTE agradece reconhecido ao publico de Portugal e do Brazil o acolhimento benevolo e animador que lhe tem feito.

A empresa entende que a maneira melhor, mais digna, de corresponder a esse acolhimento de agradecer essa protecção está nos melhoramentos sensíveis que vae fazer no seu jornal. A começar do proximo numero em diante o OCCIDENTE publicar-se-ha tres vezes por mez ampliando assim a esphera da sua acção, abrindo mais largo espaço ao cumprimento dos deveres d'esta publicação, a unica no seu genero que ha em Portugal, á perfeita e completa execução do seu programma que tão bem accete tem sido em Portugal e Brazil.

O OCCIDENTE, a unica illustração portugueza que ha no nosso paiz, tirando todas as suas forças da produção artistica e litteraria nacional, sendo positivamente e exclusivamente uma publicação portugueza, corresponde depois á protecção que tem encontrado no publico, empregando todos os seus esforços para se elevar á altura da sua missão e do acolhimento lisonjeiro que tem obtido.

A vida passada do OCCIDENTE é garantia da sua vida futura, e confiado nas sympathias que tem alcançado, vae entrar no quarto anno da sua publicação, certo de continuar a merecer-as dignamente, e procurando sempre attingir cada vez mais o ideal que se propoz.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1880, LALLENANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

— Quanto dista de Leubucó !

— Diez kilometros.

— Vamos.

— No amigo; nos quedaremos hoy por aquí, porque los indios no nos dejan pasar adelante sin permission del cacique Mariano Rosas.

FRANCISCO D'ALMEIDA.